

REFLEXÕES ACERCA DA SEXUALIDADE E DA PORNOGRAFIA: UMA INTERPRETAÇÃO DA PSICANÁLISE FREUDIANA

Iara Luzia Henriques Pessoa¹

RESUMO

A pornografia é uma das expressões da sexualidade, muitas vezes sendo julgada no âmbito do imoral, do perverso ou mesmo como um transtorno. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetivou discutir como a pornografia pode funcionar enquanto solução de compromisso, sublimação e, ou de forma educativa. O delineamento foi de carácter qualitativo, descritivo e exploratório, sendo as referências selecionadas de forma intencional e não exaustiva. Um prelúdio histórico da sexualidade foi apresentado, seguido da contextualização do entendimento psicanalítico. Foi possível constatar que a noção de pulsão escópica e da fantasia processam-se em torno da sexualidade e da pornografia.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise; pornografia; pulsão escópica; fantasia.

ABSTRACT

Pornography is one of the expressions of sexuality, often being judged as immoral, perverse or even as a disorder. From this perspective, the present paper aimed to discuss how pornography can function as a compromise formation, sublimation and/or educational. It was a qualitative, descriptive and exploratory research, with references selected intentionally and not exhaustively. A historical prelude to sexuality was presented, followed by the contextualization of psychoanalytic understanding. It was possible to verify that the notion of scopic drive and fantasy are processed around sexuality and pornography.

KEYWORDS

Psychoanalysis; pornography; scopic pulsion; fantasy.

¹ Psicóloga formada na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Psicanalista afiliada ao GESCLIP, e mestranda no Programa de Pós-graduação em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

INTRODUÇÃO

A definição de pornografia segundo Cowie (1992) não é limitada a imagens ou palavras em si, mas sobre a suposição na qual essas imagens ou palavras são um risco para a sociedade, logo, faz-se necessária a regulação de todo material que causa excitação sexual. A pornografia é algo entendido pela sociedade como necessária de, no mínimo, regulação, quando não, é concebida como inaceitável.

Sabe-se que a palavra pornografia se origina do grego, sendo empregada para descrever a vida, costumes, hábitos, maneiras das prostitutas e seus clientes com descrição explícita da atividade sexual, isto é, propicia prazer, como as prostitutas (Ceccarelli, 2011). No entanto, o controle do que seria obsceno, haja vista, explicitamente, seria qualquer forma de excitação sexual que não tivesse como objetivo a reprodução heterossexual e cisgênera. A ligação acerca de como a pornografia deve ser vista é algo bastante perceptível nas atualidades, ainda que, tanto o termo, quanto a representação visual da pornografia remontam nossa história recente. O termo pornografia só foi usado como o entendemos hoje no século XIX, porém, o conjunto de materiais aos quais se referiam era predominantemente literário, ou seja, a pornografia como forma visual de exposição de ‘obscenidades’ é algo mais recente ainda (Cowie, 1992).

A imagética da pornografia que provoca a excitação sexual pode não ser entendida como provocadora pela imagem em si, mas pelo cenário representacional ampliado que causaria tal conotação. Ou seja, a pornografia está ‘nos olhos de quem vê’, não se tratando de um simples fenômeno da sexualidade que é considerada como natural. Essa divisão cultura/natureza, na qual a pornografia seria do campo da cultura e o sexo (ou a sexualidade?) reprodutivo heterossexual e cisgênero do âmbito natural, é ao menos simplista, visto que ambas são construtos humanos bem mais complexos do que tal classificação. Essa construção se dá através do discurso social daquilo que é considerado como permitido/apropriado ou proibido/inadequado, que muitas vezes se associam enquanto natural ou patológico, respectivamente. Ademais, a sexualidade é considerada como algo além do controle racional, social e cultural, mas apesar de contraditório, há essa constante tentativa de controle, normatização e patologização da mesma (Cowie, 1992).

O tipo de pornografia que tratamos aqui, está diretamente relacionada com a sexualidade, seja de forma explícita ou implícita, também lembramos que na maior parte do trabalho estamos falando de sexualidade no sentido restrito do termo, ou seja, enquanto atos sexuais. Como dito anteriormente, muitas vezes entende-se a sexualidade como algo do âmbito “normal”, isto é, sendo necessária, enquanto a pornografia é entendida como ‘anormal’. Esse entendimento, aparentemente de opostos, está relacionado diretamente

com a cultura e o momento histórico em que tais representações se encontram. A pornografia na antiguidade era vista como parte da sociedade, e era, muitas vezes, não só aceita como incentivada, algo que mudou completamente na modernidade (Ceccarelli, 2011).

O presente trabalho objetivou discutir como a pornografia pode funcionar enquanto solução de compromisso, sublimação e, ou de forma educativa.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi delineado como qualitativo, descritivo e exploratório, destacamos que o processo de seleção dos autores foi intencional, não exaustivo, ademais se trata de uma reflexão que relacionou sexualidade e pornografia, assim, tivemos como aporte teórico a Psicanálise, mais especificamente a de Freud e a Teoria Queer. A pergunta principal que norteou esta pesquisa foi: ‘como a Psicanálise vê a pornografia?’

Para tratar de tal temática foi preciso apresentar um *background* acerca da sexualidade, seguida da discussão de como ela passou a ser entendida na modernidade. Para isto, foram principalmente empregados: Foucault (2005), Laqueur (2001) e Katz (1996). Haja vista que todos os três trataram da questão da construção da sexualidade. Posteriormente perpassamos para o entendimento psicanalítico da mesma, uma vez que a própria Psicanálise tem como grande foco a sexualidade, no sentido extenso, assim, foi com o auxílio de textos freudianos, sobre os quais iniciamos nossas leituras, para revisão da literatura pertinente ao tema em questão.

Por fim, tratamos da questão do olhar, mais especificamente da pulsão escópica uma vez que a pornografia é permeada por esse exercício. A decisão de organizar o trabalho tratando primeiramente da pulsão escópica, vem de forma deliberada, porque aparentemente a fantasia pode ser entendida como um dos possíveis derivados da própria pulsão, pareceu-nos mais didática tal ordem. Foram utilizados os textos de Cleo José Mallmann (2016) e de Maria Auxiliadora Cordaro Bichara (2006) que tratam tanto da pulsão escópica como da questão do olhar, em específico, pela perspectiva da psicanálise. Ademais, foi a partir dessa leitura de Elizabeth Cowie (1992) que trata da pornografia, sexualidade e psicanálise com uma perspectiva feminista acerca do tema, que trouxe a possibilidade do entendimento da questão na pornografia pelo viés da fantasia.

A SEXUALIDADE HISTORICAMENTE E SEU CONTROLE

O controle da pornografia também perpassa o controle da sexualidade, como se fosse uma atualização do dispositivo da sexualidade, pois não estaria mais controlando o ato ou a excitação em si, criando uma relação entre o saber-poder (Siqueira, 2020).

A sexualidade na Idade Clássica Greco-Romana, para Foucault (2005) no volume 2 do livro *História da Sexualidade*, dividia-se em termos daqueles que seriam passivos, e aqueles que seriam ativos. Outrossim, não como dividimos hoje entre expressões de sexualidade mais ‘masculinas’ e/ou ‘femininas’, vinculadas às práticas dos homens e das mulheres. Os que eram considerados passivos seriam não só as mulheres, mas também os jovens e os escravos, e só seriam ativos os homens maiores de idade, cidadãos e livres.

Naquele momento, a sexualidade era entendida como uma prática natural e necessária, porém era imprescindível que fosse levada com temperança, isto é, é preciso levá-la de uma forma moral, controlada e não excessiva. Isto porque, mesmo sendo da ordem da necessidade e do prazer, é um prazer visto como de qualidade inferior justamente, por ser uma prática também comum aos animais. A moralidade da prática sexual era entendida como uma forma de saber enfrentar, dominar e garantir a economia da força que o prazer dá, uma vez que essa força seria excessiva. Também era muito comum a associação da moral do sexo à da mesa, pois era esperado que o comportamento nos banquetes também fosse levado com temperança (Foucault, 2005).

Nesse contexto, a prostituição era entendida como uma fonte de renda e controlada pelo Estado, no qual as mulheres que a praticavam tinham acesso livre a diversas atividades que, muitas vezes, eram reservadas somente para homens. Há algumas hipóteses dos propósitos da pornografia, na antiguidade, que perpassam desde a arte, expressões espirituais e, também, muito provavelmente, a excitação sexual. Se a sexualidade era entendida não apenas como parte das pessoas, mas como algo integrante da sociedade, então, as expressões de prostituição e pornografia não eram tratadas como algo do âmbito do secreto. Dessa forma, há, ainda hoje, estátuas, escritos e ruínas que demonstram a sexualidade e o pornográfico como sendo algo público (Ceccarelli, 2011), uma vez que essa questão do privado surge depois da instalação do capitalismo.

A atitude moral era o que definia se um homem seria feminino ou masculino, se ele fosse passivo em relação aos seus desejos e seus prazeres, então ele seria feminino. A questão, neste momento, não era com quem a relação sexual se dava, e nem os relacionamentos, mas justamente em ser passivo/ativo com relação aos prazeres, então, a preferência por homens, mulheres ou os dois não era levado em consideração. Mas antes de questionar com quem o relacionamento se daria (invenção das categorias homossexual, heterossexual etc.), deu-se o questionamento com relação à diferença entre homens e mulheres. Segundo Laqueur (2001) até o final do século XVIII e começo do XIX que ambos tinham a mesma genitália, a única diferença era que a mulher cis teria menos calor vital o que teria feito com que a sua estrutura genital não tivesse descido como a do homem cis, que é externa.

Ou seja, esses questionamentos com relação à constituição do corpo só ocorreram muito depois da idade antiga, e mais tarde surgiram os questionamentos com relação às práticas sexuais no século XIX, com a sexologia moderna (como será tratado mais a frente).

Essa forma de entendimento dos corpos é chamada de monomorfismo, uma vez que só existiria um modelo de corpo, o do homem. Foi somente no século XVIII que esse modelo deu lugar ao dimorfismo, no qual buscava-se constantemente quais seriam as diferenças fundamentais entre os homens e as mulheres (Laqueur, 2001). Assim, cada vez mais a mulher foi vista em relação ao homem numa posição de contraste, oposições, aspectos do corpo, alma, físico e moral. Para que a diferença passasse a ser de cunho ‘biológico’, ou seja, baseado na ‘natureza’ e na fisiologia (Laqueur, 2001).

A mudança do significado da diferença sexual levou, também, à formulação de que esses dois sexos seriam estáveis, opostos e incomensuráveis, então, a vida social destes seriam baseados nesses ‘fatos’. Como resultado, o corpo, também, passou a ser visto como estável, ahistórico e sexuado. A natureza e a cultura passaram a ser vistas como duas partes inseparáveis, assim como, a faceta sexual do corpo passou a ser vista como necessária de um controle soberano (Laqueur, 2001). A carne era vista como má, podendo ser corrompida, logo, passível de pecados, e a alma seria vista como divina, perfeita. Desta forma, o corpo precisava ser controlado para que a alma pudesse ascender ao céu e ser eterna, mais especificamente, o ato sexual precisava ser controlado, por ser justamente associado a algo do carnal, sendo ruim e necessariamente diabólico (Morais, 2002).

A forma como o entendimento da sexualidade ‘normal’ aconteceu através do estudo da sexualidade ‘anormal’ (Dametto; Schmidt, 2015). A Medicina passou a levar em consideração aquilo que é anormal, anomalia ou doença como conceitos normativos, aplicando julgamento de valor nesses estados, porém, o anormal e a anomalia são afastamentos estatísticos comparativos de uma maioria de sujeitos, e não necessariamente uma doença/sofrimento (Sena, 2014).

No século XIX, vale ressaltar que era considerado como ‘sexo normal’ a relação sexual com penetração do homem com pênis na mulher com vagina, com objetivo da reprodução e dentro de um casamento monogâmico (Dametto; Schmidt, 2015). Foi nesse cenário que Richard Von Krafft-Ebing, considerado, frequentemente, um dos fundadores da sexologia moderna, introduziu os conceitos de sadismo, masoquismo, fetichismo, homossexualismo² (termo não criado por Krafft-Ebing e só incluso na segunda edição de seu livro) e

² Termo utilizado pelo autor naquele momento histórico, ressaltamos que atualmente não se fala mais em homossexualismo ou travestismo, e sim em homossexualidade, travestilidade/transsexualidade/transgeneridade, haja vista que o sufixo “ismo” está relacionado a uma patologia. O termo homossexualismo foi criado por Karl Maria Kertbeny em 1868 em uma carta endereçada a Karl Heinrich Ulrichs. Kertbeny

metamorphosis sexualis paranoica (que seria algo como a transexualidade/transgeneridade ou transformistas/*crossdressers*, atualmente) associados ao estudo do comportamento sexual humano (Pereira, 2009).

Mais adiante, no século XX, tanto Krafft-Ebing (na Alemanha) quanto Sigmund Freud (na Áustria), foram responsáveis pela popularização da utilização do conceito de ‘normal’, assim como demonstram a consolidação desse modo moderno de entender o sexual através de uma apropriação médico científica. O sexo passou a ser entendido como um objeto de saber e da intervenção do médico, o qual passa a possuir a autoridade para tal. Um dos marcos dessa mudança e apropriação é o lançamento da obra *Psychopathia Sexualis*, no ano de 1886, do próprio Krafft-Ebing que classifica de forma rígida os comportamentos sexuais patológicos, além de, também, ter sido referência para a obra freudiana no início do século XX (Pereira, 2009).

A noção amplamente partilhada da heterossexualidade foi criada somente nos últimos três quartos do século XX, e desde então tem sido entendida/legitimada como o sentimento sexual real, fisiológico, imutável, natural e dessa forma, normal. Foi também através de Krafft-Ebing que este termo, hetero-sexual, foi apresentado na primeira edição do *Psychopathia Sexualis* com o significado que utilizamos até hoje de um sujeito que deseja apenas um gênero, necessariamente oposto ao seu, que poderia ter o desejo reprodutivo somente no inconsciente (Katz, 1996). Consideramos importante fazer o movimento de nomear a norma e considerá-la também como uma transformação histórica, social e cultural específica e não algo universal e natural.

Assim, o termo heterossexualidade, enquanto arranjo histórico dos sexos e seus prazeres, também foi inventado. Uma vez que a heterossexualidade não é o mesmo que ato sexual reprodutivo entre dois gêneros, que supõe diferenças sexuais específicas, e muito menos o erotismo de mulheres e homens cisgênero. Krafft-Ebing utilizou a palavra heterossexual para designar um tipo de perversão ou depravamento, mas também era utilizada para referir-se ao sexo ‘normal’ (Katz, 1996).

Ressalte-se que a necessidade ou vontade de fazer o ato sexual sem que o objetivo fosse o da procriação com o ‘gênero oposto’ entre pessoas cisgêneras, era tida como algo ‘anormal’, uma vez que o sexo, na Era Vitoriana no continente Europeu, era visto apenas com esse objetivo. Assim, antes da heterossexualidade ser considerada normal, ela apareceu associada ao desvio reprodutivo (ato sexual que não busca reprodução, também inclui masturbação, coito interrompido etc.), ao hermafroditismo psíquico (o que pode-

acreditava que heterossexuais estavam mais inclinados à libido e promiscuidade do que homossexuais (TANG, 2018).

ríamos chamar hoje de bissexualidade, panssexualidade etc.), à homossexualidade e, por fim, ao fetichismo, de acordo com escritos do livro *Psychopathia Sexualis* (Krafft-Ebing, 1894/2012).

Tanto a prática como a recém-criada Ciência da Sexualidade eram do domínio da moral e jurídico, uma vez que poderia considerá-la como crime ou imoralidade, contudo, há um entrecruzamento desses discursos com o biológico e médico/psiquiátrico (Pereira, 2009). Assim, há uma ‘naturalização’ da sexualidade humana, pois, leva-se em consideração as relações concebíveis como sendo somente entre pessoas cisgêneras de sexos diferentes (não se pensa em gênero), além de uma tentativa de justificar a heteronormatividade (Pereira, 2009) e a monogamia. Desse modo, o erotismo, em geral, tem a sua amplitude afetada, pois, existia uma classificação das experiências, entre as pertinentes ao sujeito cisgênero e heterossexual, considerado como único normal, e aquelas patologizadas, que diferem dessa e são tratadas como doenças ou perversidade (Pereira, 2009).

Um complexo sistema de categorização foi desenvolvido para o que Krafft-Ebing considerava como transtornos psicosexuais, como por exemplo a homossexualidade (Stryker; Whittle, 2006). Então, o que fora disposto como ‘verdade’ científica sobre a sexualidade humana é uma criação de Cientistas, Médicos e Biólogos, ou seja, o que o discurso médico pretende é de que essa classificação seja vista como sendo de ordem natural, e não como um produto dos componentes moral, político, cultural e econômico da sociedade (Fausto-Sterling, 2000).

Buscou-se vigiar, julgar e condenar tudo que é dito como pertencente à esfera das doenças mentais, e estas são sempre tratadas como sendo da condição da observação e classificação (Vandresen, 2008). Aqui, também, temos a questão da pornografia e/ou o uso dela como sendo do âmbito da perversão, enquanto transtorno psicológico, não somente como estruturação psíquica. Dessa forma, a pornografia pode ser entendida como uma ‘solução’ para se tratar da sexualidade, no ocidente, por permitir a vivência de desejos e fantasias que são vistos como imorais (Ceccarelli, 2011).

SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

A sexualidade se trata de um meio de satisfação das pulsões, pois, a partir do momento que há a excitação, ocorre o desconforto e a tensão que necessitam de alívio. Os objetos que a pulsão pode ser direcionada são múltiplos, desde parciais, fora do seu corpo, no seu próprio corpo ou objetos totais. O olhar participa ativamente desse processo, tanto o olhar-se, como olhar o outro, processando-se como investimento libidinal, quanto às

fantasias (ambos tratamos nas próximas seções). Neste sentido há também um posicionamento narcisista, pois o olhar-se vem como etapa preliminar da própria pulsão escópica, nesse movimento dual de atividade/passividade (Bichara, 2006) que acomete todos os sujeitos independente do gênero.

Por outro lado, os traços perversos fazem parte da sexualidade neurótica, desde que não sejam exclusivamente a fonte de prazer sexual do sujeito, como já dizia Freud nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/2016). Se for o caso dessa exclusividade e fixação teremos justamente a perversão enquanto estrutura psíquica e não como traço constituinte. Entende-se que há uma patologia quando há a exclusividade na obtenção de prazer em que se exclui uma relação genital, ou quando ela se acha em segundo plano. Como em Freud (1914/2010a, p. 13):

para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral.

Contudo, questionamos o estabelecimento da estrutura perversa enquanto patológica, assim como a meta da satisfação sexual desviada enquanto tal, haja vista que qualquer estrutura pode se tornar patológica a depender da história de vida do sujeito. Ao pensar a meta sexual como sendo a união genital, que muitas vezes pressupõe ser entre pênis/homem e vagina/mulher parece um ranço histórico de pressuposição de que a forma “certa” de obter prazer é uma especificamente determinada, que também pode pressupor a reprodução.

Essa ideia de que a sexualidade perpassa um direcionamento específico não está detida em Freud, mas aparece contemporaneamente em outros estudos e relaciona-se com o poder médico de prescrição da verdade. Quando essa verdade está atravessada por questões históricas, geográficas, políticas, culturais etc., como, também, o controle da sexualidade, para que os corpos não se tornem dissidentes, e permaneçam ‘em ordem’ (Foucault, 2005).

Para Judith Butler (2016) gênero, sexo e sexualidade formam juntos a matriz de inteligibilidade, a qual trata de uma relação quase de causa e efeito. Isto é, há uma pressão social em que sexo, gênero, desejo e práticas sexuais deveriam estar ‘de acordo’ com o padrão hegemônico da heterossexualidade (e cisgeneridade) compulsória. A heterossexualidade compulsória para Adrienne Rich (1980) é justamente uma instituição tradicional de controle das mulheres (mas acreditamos que hoje podemos expandir para todos) que funciona principalmente pela coerção e compulsão, sendo a heterossexualidade tratada como inata

e natural.

Para Monique Wittig (1992) mesmo que tenha sido aceito por muitos meios científicos que não existe o que é chamado de natureza ou natural, ainda é possível perceber de forma nítida a permanência do tópico que resistiu por muito tempo à análise: o relacionamento heterossexual. Não existem relacionamentos naturais/obrigatórios, porém, esse entendimento ou funcionamento ‘científico’ é nomeado pela autora como a mente heterossexual (*straight mind*). Para a autora supracitada trata-se de uma ideologia, forma de conhecimento, princípio óbvio (*obvious principle*) e prévio que faz desenvolver uma interpretação totalizante de vários fenômenos subjetivos, assim como, da história, da realidade social, da cultura e da linguagem. Essa generalização é tomada como verdade para diversas épocas, sociedades, indivíduos e são fabricadas a partir de conceitos fundados na heterossexualidade.

A utilização dessas categorias, incluindo o julgamento moral no caso das estruturas psíquicas, não apenas nomeiam, mas tem a funcionalidade de controle, hierarquização e ordenamento dos corpos a partir dessa disposição binária, e do/no processo saúde-doença. Assim, ao mesmo tempo que Freud (1905/2016) consegue quebrar com certas disposições de julgamento moral da sexualidade, quando, por exemplo, diz que a perversidade fará parte da sexualidade neurótica, ele também coloca como meta o encontro genital (pênis/homem e vagina/mulher) como desejável por ser normal, natural e saudável. Porém, qual seria a patologia ou prejuízo que o sujeito perverso tem quando a sua meta sexual não é o encontro desses genitais em específico, se ele estaria dando vazão à sua sexualidade, ou tendo descarga pulsional, e se tratando de relações com consentimento, entre pares? Ou seja, aqui não estou falando do pedófilo/hebófilo, pois, há prejuízo para a criança/adolescente, nem dos *voyeurs*/exibicionistas que o fazem em ambientes públicos, não apropriados e sem consentimento.

PULSÃO ESCÓPICA COMO ASSEGURADORA DA SEXUALIDADE

A pulsão escópica, que foi introduzida na seção anterior, pode ser definida como uma expressão da pulsão sexual, não primária (diferentemente da oral, anal, fálica e genital que o são) (Mallmann, 2016). Porém, ela também se relaciona com o desenvolvimento, uma vez que a depender de como o sujeito será olhado e investido nesse olhar que levará a sua estruturação futura. Os órgãos da visão são objetos de investimento da energia libidinal, que não só observa os riscos do mundo para que o sujeito se mantenha vivo como também: “vasculha o corpo do outro, o objeto erótico. Ele o despe com o olhar” (Bichara, 2006, p. 88).

Então, a tendência que relaciona a passividade/voyeurismo e a atividade/exibicionis-

mo traz à tona a questão do olhar/ser olhado como sendo passível de satisfação sexual. Assim, nessas duas formas de fetiche, para Freud (1905/2016), o olhar seria uma zona erógena, que está diretamente relacionada. Quando Freud (1905/2016; 1927/2014) trata dos pares sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo ele traz como essas tendências ficam ligadas em pares, e o quanto sentir prazer com algum desses no consciente implica também sentir prazer com o outro ‘lado da moeda’, mesmo que no inconsciente. Ou seja, essa alternância entre passividade e atividade faz parte da dualidade psíquica do sujeito proposta por Freud (1915/2010b), em que as tensões pulsionais não podem ser descarregadas de forma direta, o que faz o sujeito alterna-se nessas posições com o intuito de diminuir a excitação e obter prazer. Assim, a pornografia em vídeo parece estimular a pulsão escópica e mais fortemente o par voyeurismo/exibicionismo.

Esse investimento pulsional pode não só ser invertido, no sentido de passividade/atividade, isto é, dentro do mesmo par, quando pode alterar-se em conteúdo indo do voyeurismo/exibicionismo para o masochismo/sadismo, por exemplo. O prazer é obtido a partir do olhar/ser olhado que corresponde a uma zona erógena que tem origem nos olhos, portanto, obtém satisfação a partir do estímulo da visão. Mas, também pode tornar-se machucar/ser machucado, que não está restrito à violência na relação sexual, mas podendo voltar-se para o Eu em outros direcionamentos (Freud, 1915/2010b). Ou seja, não é porque alguém assiste pornografia que será necessariamente violento consigo mesmo ou com seu parceiro. É possível, com consentimento, dar uma vasão, na realidade, desses desejos masochistas/sadistas, mas esse direcionamento também pode sair da esfera do sexo para outras formas pulsionais, como comumente na neurose obsessiva. Assim, a satisfação, mesmo que sempre parcial, dessa possível inclinação voyeurista é proporcionada pela pornografia a partir dessa possibilidade de olhar incessante (Ribeiro Neto, 2017).

Há uma participação da pulsão escópica na sexualidade neurótica, mas não podendo ocorrer em exclusividade, como já dito anteriormente, pois implicaria uma estruturação perversa. Mas, a pornografia como fonte de excitação de um sujeito sozinho, e, sendo nesse caso, a masturbação e o gozo sozinho podendo fazer parte dessa equação, então, teríamos como resultado um ato de perversidade, mas não necessariamente um sujeito perverso. Esse direcionamento pulsional em si mesmo pode ser entendido como narcisismo, mas também podemos compreender que a partir de uma identificação com um objeto é possível fazer essa substituição, também pela reversão da pulsão em opostos (Freud, 1915/2010b). Se o desenvolvimento desses pares ocorre da atividade para a passividade, pois, o entendimento do olhar, precede o entendimento do ser olhado, assim, o sentido do par só é atribuído quando é a partir do ‘sentir na pele’ que se pode entender aquilo que se

está infringindo na atividade (Ribeiro Neto, 2017).

A ambivalência afetiva é como Freud (1914/2010a; 1915/2010b) define esses opostos que são direcionados ao mesmo objeto, pois a introjeção de objetos que o Eu se identifica é também, de certa forma, um investimento narcísico no próprio Eu. Esse processo de identificação começa a acontecer mais ou menos no mesmo momento em que o complexo de Édipo está acontecendo, dessa forma, o sujeito passa a fazer investimentos por via da identificação. Com isso, se forma o Supereu que se trata de uma internalização da moral e da lei cultural e histórica, sendo, por isso, uma das razões do recalque e do período de latência, uma vez que a partir do desenvolvimento dessa instância o sujeito sentiria a necessidade de recalcar as experiências de sexualidade infantil, fazendo-o entrar nesse período do desenvolvimento (Ribeiro Neto, 2017). Contudo, antes de ocorrer a mudança de objeto pela identificação, a pulsão de olhar é “[...] autoerótico no início de sua atividade, pode ter um objeto, mas encontra-o no próprio corpo. Apenas depois ele é levado (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um análogo do corpo alheio” (Freud, 1915/2010b).

A FANTASIA SEXUAL E A PORNOGRAFIA

O olhar daquilo que é ‘proibido’ muitas vezes pode causar excitação, por ser aquilo que não se pode ter enquanto sendo considerado ‘normal’, assim, a pornografia ocupa um papel de provedora dessa fantasia. Essa fantasia é construída a partir das experiências de prazer constitutivas nos bebês e crianças, haja vista, o seio/a mamadeira, a evacuação, o colo, a brincadeira etc., que excedem as funções biológicas de nutrição, evacuação etc. Assim, apesar da satisfação e prazer do autoerotismo ser derivada de funções biológicas, ele não é limitado por elas, passando a ser desejadas para além da sobrevivência (Cowie, 1992). Autoerotismo é um conceito que Freud cunhou também na sua obra *Três Ensaios da Teoria da Sexualidade* (1905/2016), pois, há ‘forças’ no corpo do sujeito que sempre tendem à descarga, sendo assim, o potencial que o corpo tem de causar prazer por si só.

A pornografia estaria dando vazão às fantasias, e a realização delas na realidade compartilhada, o que implica o fim da própria experiência alucinatória (Prioste, 2011). Ou seja, primeiramente frente às necessidades fisiológicas, quando não atendidas no momento que são sentidas, o bebê alucina o objeto de desejo, então, sente prazer e se satisfaz parcialmente e temporariamente, dessa forma (Prioste, 2011). Assim como nos sonhos lúcidos em que temos experiências alucinatórias dentro da nossa própria fantasia que são prazerosas, sugerimos que a pornografia faria esse mesmo papel, como uma promessa do prazer que pode vir a ser. Enquanto há desejo, há fantasia, e segundo Cowie (1992), esta se caracteriza não por alcançar o prazer proporcionado pelo objeto perdido primordial, até porque não

é possível, segundo a teoria psicanalítica, pois, seria uma satisfação plena.

Segundo Ceccarelli (2011), a pornografia pode ter como função a satisfação sexual sem o investimento afetivo, ou seja, quando não há a possibilidade de diminuição das tensões em investimentos objetais externos e concretos, o sujeito pode utilizar desse mecanismo. Ainda segundo o autor, a razão para a necessidade de consumir materiais pornográficos diferentes de forma contínua é porque sem uma relação de objeto, e sem circulação de afeto, o material torna-se entediante, sem causar mais as excitações de antes. Assim, o sujeito recorrerá a pornografia, quando, por algum motivo, ele não consiga experienciar suas fantasias, seja por as sentir como ameaçadoras ou até como proibidas (remonta a questão da moral sexual, já tratada anteriormente). Um dos modos que o sujeito encontra para viver suas fantasias, sem culpa, é justamente através da pornografia (Ceccarelli, 2011).

O sujeito está sempre presente nessas fantasias, seja como observador ou como participante (como na lógica *voyeur/exibicionista*), o que pode justificar o uso da pornografia, como pela impossibilidade de adquirir esses desejos com outra pessoa, também, por não poder expressá-los de forma até consciente, então se refugia na pornografia. Dessa forma, seria a pornografia uma forma de sublimação ou sintoma? Se entendemos ambas as formas como maneiras de lidar com a fantasia, se tratando da primeira positiva e a segunda negativa, então, a pornografia é um sintoma ou uma saída? Pois, da mesma forma que pode significar uma forma segura de viver essas fantasias sem os riscos dos encontros pessoais ou de falar acerca de tais desejos, também pode funcionar como uma forma de fugir do investimento em outro(s) objeto(s) e refugiar-se no narcisismo (Prioste, 2011).

Segundo a mesma autora, a pornografia estaria para os adolescentes como uma forma de defesa, em um lugar potencialmente perverso pela falta de pudor e inibição que funcionam como defesa contra a perversão. Então, ressalta que as intervenções adultas são necessárias para manter o psiquismo, estabelecendo a pornografia como um lugar de segredo, que auxiliaria na distinção das fantasias em relação à realidade. Contudo, ela ainda completa colocando como nesse cenário, de não intervenção adulta, os adolescentes estão “abandonados à própria sorte de pulsões primitivas sem conseguir elementos para sublimá-las” (Prioste, 2011, p. 12), mas que tipo de intervenção adulta? A proibição, ou o limite? Ao mesmo tempo que esses adolescentes não encontram vazão para suas fantasias, as fantasias pornográficas não funcionam ou não servem?

Será que tratando-se da temática com esses adultos de forma educativa, mesmo que, muitas vezes, eles próprios se revestem desse pudor acerca dos riscos e benefícios, a pornografia não poderia ser uma via segura de exploração da sexualidade? Para Ribeiro Neto (2017), a pornografia também tem esse lado mais ‘educacional’, nessas famílias que não

existe diálogo acerca da sexualidade. Concomitantemente, o autor trata de como, por esse mesmo motivo, muitos sujeitos chegam ao consultório comparando suas performances sexuais com referências da pornografia. Para Ceccarelli (2011), outro lado positivo da pornografia é que ela possibilita a vivência da sexualidade sem culpa, pois, o sujeito e seu(s) parceiro(s) estariam protegidos dos investimentos pulsionais sentidos como destrutivos.

Nesse caso, as fantasias são uma possibilidade infinita e irrestrita que a pornografia propõe e que é vista como perversa, se trata na verdade, de uma impossibilidade por si só, as limitações existem de qualquer forma, seja pela realidade, ou pelo próprio psiquismo do sujeito. Então, por mais que no caso da estrutura perversa, por exemplo, esse sujeito não ‘tem limite’, porque para ele não houve a castração, e as restrições não se aplicam a ele, mas, na verdade, o princípio da realidade demonstra outra coisa, mesmo que ele não perceba isso (Ferraz, 2010).

Entender a pornografia como excitadora da pulsão escópica e vasão das fantasias, nesse caso, mais especificamente as sexuais, é uma das formas de interpretar tal fenômeno. Assim, apesar de nos determos na questão da pornografia enquanto atos sexuais, isso é, no sentido estrito do termo, ela também pode se caracterizar como uma relação entre os protagonistas de uma cena, na qual o outro não existe. Esse seria o caso na:

[...] comercialização do sofrimento, das desgraças provocadas por catástrofes naturais, e outras tantas situações das quais a mídia se apropria e passa a utilizar-se delas de uma maneira que toca a exaustão: o limite entre a informação de uma catástrofe e o uso pornográfico da informação sobre a catástrofe é tênue. (Ceccarelli, 2011, p. 09)

Ribeiro Neto (2017) entende que a pornografia pode funcionar como uma solução de compromisso, pois, estaria resolvendo a questão da sexualidade e a moral atual. Desse modo, a pornografia não deve ser vista como vilã, ou ruim por si só, mas, ela surge de uma demanda do sujeito atual que precisa de uma projeção para a sua própria sexualidade. Ou seja, algumas pessoas têm reações de medo, vergonha, nojo, constrangimento ou até riso por se tratar de algo que é comumente reprimido, faz-se surgir, então, a necessidade de disfarçar tais desejos, sendo uma das possíveis formas a própria pornografia (Ribeiro Neto, 2017, p. 11), como estamos refletindo.

É preciso lembrar, que a ‘sexualidade normal’ não é a mesma que a sociedade prevê, mas, aquela que está em sintonia com o próprio sujeito e seu inconsciente, reinventando a sexualidade infantil perverso-polimorfa (Ceccarelli, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de investigar a pornografia e a sexualidade utilizadas pelos autores elenca-

dos foi alcançada na medida em que foi possível constatar as noções de pulsão escópica e de fantasia em ambos os conceitos. Assim, duas assertivas principais motivam a continuidade desta investigação, para além dessa pesquisa, a saber:

1. A sociedade por questões morais elegidas, de forma arbitrária, na transformação histórica e cultural, ao mesmo tempo que proíbe a pornografia como sendo do âmbito do vício, transtorno e do anormal também leva o sujeito a tal forma de vasão da sua sexualidade por não poder vivê-la abertamente, seja consciente como inconsciente;

2. As questões raciais, de gênero e de orientação sexual afetam a lógica da pulsão escópica, da fantasia conseqüentemente, essas questões deveriam ser inseridas, novamente, na sexualidade e pornografia, utilizando-se da perspectiva psicanalítica.

BIBLIOGRAFIA

- BICHARA, Maria Auxiliadora Cordaro. O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias. *Mental: Revista de saúde mental e subjetividade do UNIPAC*, v. 4, n. 7, p. 85-105, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200006#:~:text=O%20olho%2C%20al%C3%A9m%20de%20controlar,o%20olhar%20surge%20no%20olho.> Acesso em: 12 de abr. de 2024
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A pornografia e o ocidente. *Revista (In)visível*, v. 1, s/n p. 25-34, 2011. Disponível em <https://ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_a-pornografia-e-o-ocidente.pdf> Acesso em: 12 de abr. de 2024.
- COWIE, Elizabeth. Pornography and Fantasy. In: SEGAL, Lynn (ed.); MCINTOSH, Mary. *Sex Exposed: Sexuality and the Pornography Debate*. Londres: Virago, 1992, p. 132-152.
- DAMETTO, Jarbas; SCHMIDT, Júlia Cristina. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade em Psychopathia Sexualis de Richard Von Krafft-Ebing. *Perspectiva*, v. 39, n. 148, p. 111-121, 2015. Disponível em <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_538.pdf> Acesso em: 12 de abr. de 2024
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Nova Iorque: Basic Books, 2000.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. São Paulo: Graal Editora, 2005. v. 2 *Ares Erotica*.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das

- Letras, 2010a. p. 13-50.
- FREUD, Sigmund. O fetichismo (1927). In: FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 302 – 310.
- FREUD, Sigmund. Os impulsos e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 51-150.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 20-172.
- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KRAFFT-EBING. *Psychopathia Sexualis*. Londres: Forgotten books, 1894/2012.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MALLMANN, Cleo José. Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual?. *Estudos de Psicanálise*, s/v, n. 46, 2016. p. 45-54. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200005#:~:text=A%20%3%BA%20nica%20fonte%20de%20excita%3%A7%3%A3o,atrav%3%A9s%20do%20olhar%20%3%A0%20dist%3%A2ncia.> Acesso em: 12 de abr. de 2024.
- MORAIS, Eliane Robert. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.
- PRIOSTE, Cláudia. Fantasias virtuais na adolescência: exibicionismo, onipotência e sedução. *Educación, aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural*, v. 01, n. 01, 2011. p. 1235 - 1250. Disponível em <https://www.academia.edu/11244349/FANTASIAS_VIRTUAIS_NA_ADOLESCENCIA_EXIBICIONISMO_ONIPOTENCIA_E_SEDUCCION> Acesso em 11 de abr. de 2024.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 12, n. 2, 2009. p. 379-386. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>> Acesso em 09 de abr. de 2024.
- SENA, Tito. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, estatísticas e ciências humanas: inflexões sobre normalizações e normatizações. *Interthesis*, v. 11, n. 02, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p96>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- SIQUEIRA, Vinicius. Formação discursiva em Foucault e Pêcheux: diferenças e semelhanças. *Colunas Tortas*, 2020. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/formacao-discursiva-em-foucault-e-pecheux-diferencas-e-semelhancas/>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- RIBEIRO NETO, Alberto. *Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*. 2017. 107 f. (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202014/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Alberto.pdf>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, 1980. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3173834>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- STRYKER, Susan (ed.); WHITTLE, Stephen (ed.). *The transgender studies reader*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2006.
- TANG, G. V. G. K. 150 years ago, the word ‘homosexual’ was coined in a secret correspondence. *Medium*, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@gvgktang/150-years-ago-the-word-homosexual-was-coined-in-a-secret-correspondence-1803ff9a79bc>> Acesso em: 13 de jul. de 2023.
- VANDRESEN, Daniel Salésio. *O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault*. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008. Disponível em <<https://tede.unioeste.br/handle/tede/2093>> Acesso em: 11 de abr. de 2024.
- WITTIG, Monique. The straight mind. In: FERGUSON, Russell et al. *Out there: Marginalization and contemporary cultures*. Cambridge: The MIT Press, 1992. Disponível em <<http://faculty.winthrop.edu/stockk/contemporary%20art/Wittig%20straight.pdf>> Acesso em 10 de abr. de 2024.